

## O DISCURSO SOBRE A MORTE NA OBRA *A MORTE E A MORTE DE QUINCAS BERRO D'ÁGUA*: DISCURSO E MEMÓRIA

Rizia Amanda Pereira Ramos<sup>1</sup>

Rosiane Silva Santos<sup>2</sup>

A partir de uma abordagem discursiva de textos literários, faz-se necessário pensar o discurso literário e sua relação com a História. Diante disso, objetivamos analisar como são construídos os sentidos de morte na obra *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'água* (2008) de Jorge Amado, romance cuja inscrição de efeitos de sentido se estabelece em meio ao discurso político, uma vez que, na narrativa, os discursos implicam conflitos de classes entre burgueses e proletariado, que, por sua vez, deslizam em concepções histórico-sociais da sociedade baiana da década de 1950. Dito isso, propomos explorar a relação polêmica entre a formação ideológica em que os sujeitos sociais ocupam lugares sociais e produzem efeitos discursivos.

Para tanto, assumimos como fundamentação teórica a Análise do Discurso (AD) materialista, com a finalidade de compreender como se constroem os **discursos sobre a morte** em torno da morte do personagem principal, *Joaquim Soares da Cunha*, ou, Quincas Berro D'água. Diante do recorte temático apresentado, expomos os seguintes questionamentos: como os sentidos de morte são construídos ao longo da obra? De que forma diferentes discursos atravessam/dialogam com outros discursos na produção desses sentidos?

Sobre o quadro teórico e analítico da AD, discutiremos, de que forma o interdiscurso interfere na produção de diferentes sentidos na obra. Portanto, encaramos o texto literário como materialidade significativa, na medida em que, para compreender os efeitos de sentido articulados na escrita literária, partimos da concepção de que o sentido (de morte, opaco no próprio título da obra) não é evidente.

A contradição constitutiva da língua está marcada na narrativa, propriamente, por um contexto em que os discursos compreendem os movimentos histórico-sociais da sociedade baiana no século XX (discurso sobre família e religião). Diante disso, o objetivo central é descrever e analisar os efeitos de sentido possibilitados por diferentes memórias discursivas realçadas nas figuras simbólicas dos sujeitos da narrativa. Além disso, a ironia é um aspecto linguístico marcante na obra, na medida em que ocorrem equívocos no discurso das personagens dado o lugar social que elas ocupam.

De antemão, é importante destacar que, para a AD proposta por Michel Pêcheux, a língua não se limita ao sentido dado, diferente do que se observa no estruturalismo Saussureano: "a língua nela e por ela

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras Português pela Universidade Estadual do Piauí/ UESPI

<sup>2</sup> Graduada em Letras Português pela Universidade Estadual do Piauí/ UESPI

mesma” (Cf. SAUSSURE, 2006), àquela interessa os efeitos de sentidos produzidos historicamente. Portanto, neste estudo interessamo-nos por analisar os efeitos de sentidos, sendo o texto literário encarado como uma materialidade significativa, isto é, compreende a materialização de discursos, a sua espessura sócio-histórica, observada na língua.

Cleudemar Fernandes, na introdução de seu livro *Análise do discurso na literatura: rios turvos de margens indefinidas* (2009), considera que os aspectos históricos, sociais e ideológicos que possibilitam a obra envolvem tanto a produção de discursos quanto a constituição de sujeitos. Assim, dada materialidade linguística configura diversas possibilidades de interpretação, isto é, diferentes sentidos são determinados por fatores exteriores ao sistema linguístico.

Ao destacar que a história é inerente à constituição do sujeito, o autor procura mostrar seu funcionamento na produção (isto é, na materialidade significativa) literária. Assim, postula que o sujeito discursivo coloca em realce sua constituição sócio-histórica e ideológica, bem como seus posicionamentos demonstrados pelas inscrições discursivas. Assume-se, desse modo, que o discurso literário é constituído por acontecimentos exteriores e anteriores ao texto, não sendo o autor o centro do sentido, pois,

Não há discurso que não se relacione com outros. A realidade é social, culturalmente construída, que o fazer histórico implica um sujeito historiador que fala de um lugar ideologicamente marcado, perpassado por um dado saber, sob condições de produção definidas (ORLANDI, 2015, p. 37).

Portanto, os sujeitos são atravessados pela memória, ou seja, o sentido é histórico, construído no e pelo interdiscurso, e a análise de textos literários não foge à regra ao utilizar a memória na combinação de diferentes discursos materializados no texto.

A narrativa, do início ao fim, apresenta uma linguagem irônica e pitoresca, pois os amigos e o próprio Quincas aparentemente festejam a morte do protagonista. Por outro lado, a família não sente remorso ou lamentam a perda; muito pelo contrário, a esse sentimento sentem “alívio” porque finalmente a “cruz” que eles carregavam não seria mais lembrada, e, enfim, poderiam viver sem a preocupação de encontrá-lo “**sujo**” na rua. O sobrenome da família não seria mais desmoralizado, os jornais de Salvador deixariam de noticiar sobre o “**Rei dos vagabundos da Bahia**”, como observado na seguinte Sequência Discursiva (SD):

#### **SD**

O que nos leva a constatar ter havido uma primeira morte, se não física pelo menos **moral**, datada de anos antes, somando um **total de três**, fazendo de Quincas um recordista da morte, um campeão do falecimento, dando-nos o direito de pensar terem sido os acontecimentos posteriores – a partir do atestado de óbito até seu mergulho no mar – **uma farsa montada por ele com o intuito de mais uma vez atazanar a vida dos parentes, desgostar-lhes a existência, mergulhando-os na vergonha e nas murmurações da rua.** (AMADO, 2008, p. 15 grifo nosso).

Tomando o discurso da família como uma regularidade, culminada por meio da memória discursiva, em que a mobilização de discursos de cunho religioso e de classe social são vigentes, para o sujeito-enunciador, Quincas deixa a vida “confortável” financeira para “**andar sujo e barbado**”, provocando no seio familiar o sentimento de **vergonha**, que pode ser evidenciado no posicionamento assumido por eles quando se referem aos aspectos **morais** atribuídos à figura de Quincas, que por vezes, rompe tranquilamente com os padrões conservadores impostos pela família, ou melhor, pelos discursos sociais que ecoam no seio familiar mobilizado por uma memória coletiva.

Assim, as **três mortes** do(s) personagem(ns), estão discursivamente no centro desta pesquisa, haja vista que “faz-se necessário pensar a determinação histórica que possibilita o aparecimento de enunciados e as relações de implicação, oposição, exclusão, transformação, substituição, apagamento que os inter-relacionam e possibilitam a análise” (CROSARA, 2009, p. 54). Com isso, sublinha-se que é a memória discursiva que determina os efeitos de sentido que são produzidos, expondo um discurso construído na e pela história.

Tomado à constituição do sujeito enquanto ser dotado de ideologia, materializado no texto literário, Fernandes acrescenta outra pergunta: “Como analisar a produção dos discursos e as formas de subjetivação dos sujeitos no e face o literário?” (FERNANDES, 2009, p.9). Verifica-se, assim, a relação entre história e memória discursiva, constitutiva da produção de discursos, de modo que o sujeito não deve ser considerado como a origem do dizer, mas atravessado por uma memória social coletiva, manifestada por ideologias discursivas materializado na língua e o sujeito literário se inclui nessa perspectiva.

Portanto, os sujeitos constantemente acionam, por meio de uma memória histórica, discursos enraizados traduzidos em determinada posição ideológica assumida, visto que “não há sujeito sem ideologia”, ou melhor, “compreender o sujeito discursivo requer compreender quais são as vozes sociais que se fazem presentes em sua voz. (FERNANDES, 2008, p.24). Dito de outro modo, é possível dizer que ecoam no discurso de Quincas diferentes vozes sociais, sendo ele representativo de duas esferas sociais, “**pai de família**” e “**pai da gente**”, representada pelo lugar social da família e dos amigos. “A noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos” (COURTINE, 2014, p. 105).

Dadas as condições de produção do discurso na/da obra, é possível compreender a relação dos sujeitos na e pela a história, além disso, levantar questionamentos/posicionamentos que, eventualmente, justificariam o porquê de o protagonista agir de tal forma mediante os preceitos da família e a sociedade daquela época.

Assim, é por meio das contradições sobre o conceito de morte observadas ao longo da escrita literária que é possível compreender a contradição em torno da representação social das personagens no enredo. Afinal, antes de tornar-se alcoólatra, o protagonista era considerado, ao longo da narrativa, um homem de “prestígio”, estimado pela sociedade e apreciado pela família.

Nesse sentido, é importante destacar que: “as palavras podem mudar de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam” (PIOVEZANI & SARGENTINI, 2018, p. 64). Podemos pensar a família e os amigos enquanto duas instituições sociais que mobilizam discursos que apresentam posicionamentos distintos em relação a um mesmo acontecimento. Ambas as instituições discursivamente estão ancoradas em uma dada Formação Ideológica (FI), sendo esta responsável e representativa de sentidos diferentes, apesar de tratarem sobre o mesmo fato.

Nesse sentido, é possível dizer que a morte do personagem alimenta uma gama de questões sociais assumidas na obra, para citar algumas: o sentido de Família, de relações sociais, de lugares sociais e de interesses julgados por uma memória coletiva. Debruçamo-nos, portanto, na história e, por sua vez, analisamos o funcionamento dos discursos que circulavam na sociedade dessa época na busca de compreender o funcionamento dos efeitos de sentido que produzem.

Retomando as palavras de Pêcheux, ao descrever o modo como as Formações Discursivas (FD) são determinadas por ideologias, assegura-nos dizer que o sujeito é um ser dotado de ideologia, mesmo que não se dê conta do que diz, atravessado por dizeres outros, o *interdiscurso*, constitutivos das práticas sociais, refletindo/retomando, portanto, a história. É esse o funcionamento que nos permite compreender o modo como o significante **morte** articula diferentes efeitos de sentido ao longo da narrativa.

Na obra, Quincas rompe com os paradigmas instituídos pela família, visto que ele decide não mais participar das “regras” do ambiente familiar. De certa forma, ele nega as regras produzidas por uma memória coletiva, vendo este grupo social, a família, como um grupo que ditava como ele deveria ser ou agir (em vez de, talvez, acolhê-lo). Mais uma vez compreendemos os dizeres segundo o qual “os discursos exprimem uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos” (FERNANDES, 2008, p.42). Em outras palavras, o posicionamento assumido por Quincas, ao deixar de ser o “saudosos Joaquim Soares da Cunha”, aciona uma memória coletiva contrária à sociedade burguesa e católica familiar, e concebe o próprio desejo do sujeito-protagonista de conviver com aqueles que são estereotipados pela sociedade.

A morte do protagonista é realçada nos discursos das personagens a partir de Formações Ideológicas distintas: a família representada como pessoas reconhecidas pela sociedade como Cristãos e burgueses; os amigos, dados como vagabundos (pela a família e pela sociedade burguesa da época) porque não partilhavam de certos comportamentos. Em suma, o embate entre vida e morte apresentado põe em jogo vozes sociais que se apresentam institucionalizadas na língua, no discurso das personagens, promovidas pelas ideologias sociais vigentes da época, porém, não evidentes em sua significação.

## REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- COURTINE, Jean Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Paulo: EdUSFSCAR, 2014.



CROSARA, Franciele Magalhães. Discurso, história e memória em *Acorda Amor*: a construção dos sentidos. In: FERNANDES, C.A.; GAMA-KHALIL, M.M.; JUNIOR, J.A.A. (Orgs). *Análise do discurso na literatura: rios turvos de margens indefinidas*. São Carlos: Claraluz, 2009. p.46-53.

FERNANDES, C.A. Análise do discurso na literatura: rios turvos de margens indefinidas. In: FERNANDES, C.A.; GAMA KHALIL, M.M.; JUNIOR, J.A.A. (Orgs.). *Análise do discurso na literatura: rios turvos de margens indefinidas*. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 46-53.

ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio* (1975). 5. ed.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Ed. São Paulo, Cultrix, 2006.